

Investimentos na atividade surtem efeitos positivos na produção de leite paranaense

Por Wagner H. Yanaguizawa, Analista de Mercado, equipe Pecuária de Leite Cepea

De acordo com levantamentos do Cepea feitos em parceria com a CNA, a atividade leiteira no Paraná teve expansão nos últimos três anos. Em 2014, segundo o IBGE, a região Sul tornou-se a maior produtora do país, ultrapassando o Sudeste. O Paraná é o terceiro maior produtor, atrás de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Esse desempenho reflete a melhora significativa na eficiência da produção e, por consequência, nos indicadores técnicos. A evolução, por sua vez, resultou em maior retorno por real investido (indicador econômico). Segundo pesquisadores do Cepea, a pecuária leiteira paranaense pode se manter em crescimento, pois, comprovadamente, a atividade bem manejada e planejada é tão eficiente e rentável quanto a bovinocultura de corte e a agricultura sulista – atividades que competem pelo uso da terra na região.

Para a análise, foram considerados dados coletados por meio da metodologia de painéis realizados entre 2012 e 2015, nas regiões de Castro e Francisco Beltrão, onde praticamente todos os indicadores técnicos acompanhados evoluíram no período (Tabela 1).

Nos últimos três anos, a terra teve valorização de 79,7% na média das duas propriedades, porém não houve redução da área nem perda para outras atividades.

O que ocorreu foi aumento da produção e da produtividade para compensar a elevação da competitividade da pecuária leiteira em relação à agricultura, que também é forte na região. A produção de leite aumentou 50% em Francisco Beltrão e 4,4% em Castro, considerado o maior município produtor do Brasil. Em Francisco Beltrão, a média de produção é de 300 litros/dia (ou 15 litros/vaca/dia) e em Castro, de 4.700 litros/dia (ou 26 l/vaca/dia).

Entre os principais avanços ocorridos no período analisado, estão as melhorias no manejo reprodutivo, na eficiência da mão de obra, na reforma e manutenção das pastagens e na produtividade das áreas de silagem de milho e das forragens de inverno. Em 2012, Francisco Beltrão possuía 36 meses de idade para primeira cria e 68,8% de vacas em lactação sobre o total de vacas de raça mestiça (Jersey com Holandesa). Em 2015, a idade para primeira cria caiu para 27 meses, enquanto a porcentagem de vacas em lactação subiu para 73,3% e o padrão racial mudou para o Holandês. Assim, no mesmo tamanho da propriedade típica, o rebanho e a produção de leite aumentaram. Já em Castro, em 2012, a produtividade da aveia e do azevém era de 12,5 t/ha em uma área de 50 ha. Em 2015, essa produtividade teve um salto para 15,0 t/ha, acréscimo de 125 t de matéria verde

para alimentação dos animais.

Vale lembrar que o cultivo de forragens de inverno, principalmente de aveia e azevém, é uma ótima alternativa para compensar a queda na oferta de alimentos, comum nessa época do ano, principalmente em regiões de clima temperado.

Mão de obra

Em relação à eficiência da mão de obra, ambas as regiões apresentaram melhora nesse indicador. Francisco Beltrão, que tipicamente possui apenas a mão de obra do proprietário e da sua esposa na atividade, aumentou a produção em 50% nesses três anos sem contratar nenhum funcionário e acrescentando um conjunto a mais no equipamento de ordenha mecânica. Castro, nesse mesmo período, também aumentou sua produção diária em 200 litros sem a necessidade de ultrapassar o número de 6 funcionários contratados, como já era em 2012.

A melhoria na qualidade da ração comprada pelos pecuaristas também trouxe impactos positivos para a produção e para a produtividade. O aumento dos custos com a ração utilizada foi compensado pela diminuição da quantidade fornecida aos animais e ainda resultou em alta de produção.

| INDICADORES TÉCNICOS - LEITE | 2012 - PR Castro | 2015 - PR Castro | Var % | 2012 - PR Francisco Beltrão | 2015 - PR Francisco Beltrão | Var % |
|------------------------------------|---------------------|---------------------|-------|--------------------------------|--------------------------------|-------|
| Produção média de leite | 4500 l/dia | 4700 l/dia | 4,4% | 200 l/dia | 300 l/dia | 50,0% |
| Área usada para pecuária de leite | 91,00 ha | 91,00 ha | 0,0% | 10,00 ha | 10,00 ha | 0,0% |
| Vacas em lactação / total de vacas | 85,71% | 85,71% | 0,0% | 68,75% | 73,33% | 6,7% |
| Vacas em lactação / rebanho | 39,88% | 40,81% | 2,3% | 34,11% | 34,18% | 0,2% |
| Produção diária / vaca em lactação | 26,0 l/dia | 26,0 l/dia | 0,0% | 12,0 l/dia | 14,0 l/dia | 16,7% |
| Produção diária / total de vaca | 22,3 l/dia | 22,3 l/dia | 0,0% | 8,3 l/dia | 10,3 l/dia | 24,1% |
| Produção / vaca em lactação/ano | 9516 l/ano | 9516 l/ano | 0,0% | 4026 l/ano | 4697 l/ano | 16,7% |
| Produção / mão de obra permanente | 750 l/homem/dia | 783 l/homem/dia | 4,4% | 133 l/homem/dia | 200 l/homem/dia | 50,4% |
| Produção / área para pecuária | 18049 l/ha/ano | 18852 l/ha/ano | 4,4% | 7300 l/ha/ano | 10950 l/ha/ano | 50,0% |
| Total de Vacas | 202 vacas | 211 vacas | 4,5% | 24 vacas | 29 vacas | 20,8% |
| Vacas em lactação | 173 vacas | 181 vacas | 4,6% | 17 vacas | 21 vacas | 23,5% |

Tabela 1 – Comparativo dos indicadores técnicos das fazendas típicas de Castro (PR) e Francisco Beltrão (PR), em 2012 e 2015 | Fonte: Cepea/CNA

Rentabilidade

Essa melhora na utilização dos insumos destinados à produção, nos manejos do rebanho e das áreas de silagem e das forragens de inverno, somados ao aumento do preço do leite recebido pelo produtor, elevaram a rentabilidade do pecuarista leiteiro na região no período de 2012 a 2015 (Figura 1).

Em relação aos dados econômicos, mesmo com o Custo Operacional Efetivo (COE) subindo expressivos 35% nos últimos três anos, a valorização do leite foi maior no período. Dessa forma, ambas as propriedades típicas apresentaram melhora na rentabilidade. Em Francisco Beltrão, no levantamento de 2012, a cada R\$ 1 investido na propriedade, o produtor recebia R\$ 1,17. Em 2015, esse retorno subiu para R\$ 1,40, aumento de 19,8%, considerando-se o COE. Já em Castro, em 2012, cada R\$ 1 investido gerava R\$ 1,23. No ano passado, passou para R\$ 1,33, alta de 8,3%.

IBGE - De 2004 a 2014, a produção de leite no Brasil se expandiu, principalmente, devido ao crescimento do número de va-

cas e da produtividade por animal (litros de leite por vaca ordenhada). Em média, neste período, a produção dentro da porteira subiu 4,98% ao ano, o número de vacas ordenhadas, 1,52%, e a produtividade por animal, 3,01%. Contudo, ao restringir o período de análise para 2009 até 2014, observa-se que o aumento na produção brasileira de leite esteve atre-

lado principalmente à produtividade por vaca ordenhada. Ainda de acordo com o IBGE, a produção no campo registrou leve queda no crescimento, em média, 4,19% ao ano nesse período e a produtividade por animal passou para a média de 3,53% ao ano. Já o número de vacas ordenhadas ficou praticamente estável, aumentando 0,56% a.a.

Evolução da Relação de Troca em Francisco Beltrão e Castro

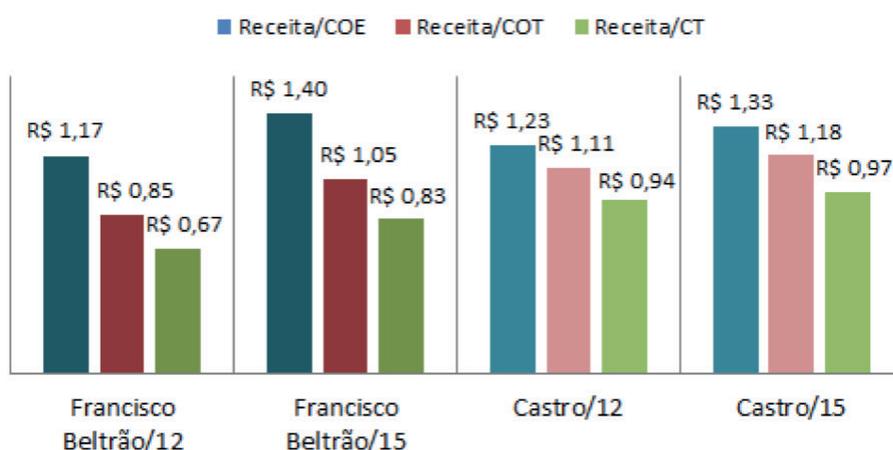


Figura 1 – Evolução das relações de troca na pecuária de leite de Castro (PR) e Francisco Beltrão (PR), em 2012 e 2015 | **Fonte:** Cepea/CNA.

Custo da reforma das pastagens e produção de silagem têm altas médias de 10% e 11% na parcial de 2015

Por Ana Paula Negri, Analista de Mercado, equipe Pecuária de Leite Cepea

No período de chuvas, pecuaristas de leite costumam iniciar os preparativos para a reforma das pastagens e também das áreas de silagem, principalmente de milho. As duas atividades tiveram altas nos custos no decorrer de 2015. Na “média Brasil” (BA, GO, MG, PR, RS, SC e SP), o custo da reforma de forragens perenes subiu 9,9% de janeiro a outubro desse ano. Quando o custo é comparado com o mesmo período do ano passado, a alta é de 10,8%.

Em relação à silagem, a maior demanda por esse insumo neste ano e as constantes valorizações do milho elevaram os custos em 11,4% no acumulado do ano (até outubro) e em 11,3% com relação a outubro/2014.

A reforma das forrageiras perenes e sua manutenção, incluindo calcário, sementes, adubos e fertilizantes, subiram em todos os estados analisados (Tabela 2). A maior elevação ocorreu no Rio Grande

do Sul, de 17,8%, seguido por Minas Gerais (12,9%) e Paraná (12,1%).

Nos três estados do Sul, com sistema de produção mais intensificado e o custo de oportunidade da terra mais elevado, os pecuaristas utilizam forrageiras de alto rendimento e qualidade, aumentando assim seus investimentos na reforma. O uso da espécie forrageira Tifton (*Cynodon dactylon*) é muito disseminado nesta região, pois apenas as propriedades com possibilidade de gastos maiores com mão de obra conseguem custear sua implantação – o plantio é manual. Em São Paulo, Minas Gerais e Goiás, onde as fazendas são tipicamente maiores e a produção mais pulverizada, há predomínio de Braquiário (*Brachiaria brizantha*), variedade tropical resistente ao ataque de cigarrinhas. A propagação dessa espécie ocorre via semente e, assim, o custo de implantação é reduzido em relação ao Tifton em função do alto rendimento operacional. Dos estados analisados,

o Rio Grande do Sul também apresenta a maior variação acumulada do ano na reforma das pastagens perenes, de 13%. Na sequência vêm São Paulo, com 11,4%, e Minas Gerais, com 11,1%.

Nesse período, também ocorre o plantio das áreas de silagem, principalmente de milho, para colheita e ensilagem, no semestre seguinte. Esse grupo representa 15,1% do COE na “média Brasil”, abaixo apenas dos concentrados (40,9%) e da mão de obra (16,0%). O Paraná registrou a maior alta acumulada do ano nos custos com silagem, de 19,5%, seguido de Minas Gerais, de 12% e Santa Catarina, de 10,6%.

Na Bahia, o cenário é diferente do verificado nos demais estados, pois as propriedades não contam com áreas de silagem, e os investimentos em forragens perenes são baixos. A alimentação dos animais é composta apenas por ração e pastagem nativa.

Segundo pesquisadores do Cepea, uma reforma bem planejada e implantada gera melhoria na qualidade das pastagens e proporciona aumento na produtividade, economia no uso de suplementação alimentar e maior aproveitamento das áreas. A calagem deve ser feita após a análise do solo e o plantio, logo no início das chuvas, juntamente com a adubação fosfatada e a adubação nitrogenada. É indicado que nesse período, a maior parte dos produtores já tenha comprado as mudas, sementes e adubos e realizado a distribuição do calcário.

Os pecuaristas devem estar atentos ao fenômeno *El Niño*, que, segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), deve ocasionar chuvas bem acima da média no período na região Sul e agravar a estiagem na região Norte. Assim, as atividades de reforma e manutenção de pastagens podem ser prejudicadas.

Varição Acumulada (Jan-Out/2015)

| | Forrageiras perenes | Manutenção - Forrageiras perenes (insumos + M.O. contrat.) | Silagem (Insumos + M.O. contrat.) |
|-------------------|---------------------|--|-----------------------------------|
| Bahia | 1,7% | 0,1% | - |
| Goiás | 3,5% | 0,6% | 2,5% |
| Minas Gerais | 11,1% | 12,9% | 12,0% |
| Paraná | 5,1% | 12,1% | 19,5% |
| Rio Grande do Sul | 13,0% | 17,8% | 7,1% |
| Santa Catarina | 9,5% | 8,7% | 10,6% |
| São Paulo | 11,4% | 1,6% | 8,3% |
| BRASIL | 8,6% | 9,9% | 11,4% |

Tabela 2 – Varição acumulada dos grupos de forrageiras perenes, Manutenção das forrageiras perenes e silagem, de janeiro a outubro/15 | **Fonte:** Cepea/CNA

Poder de compra de insumos do produtor de Minas Gerais cai de setembro para outubro

Marianne T. Batista, Graduanda Ciências dos Alimentos, equipe Pecuária de Leite Cepea

A valorização do dólar frente ao Real neste ano tem elevado os preços dos insumos para suplementação mineral e concentrados. Somado a isso, em setembro e outubro, o valor pago ao produtor de leite mineiro caiu. De setembro para outubro, o poder de compra do pecuarista de Minas Gerais recuou 4% frente ao sal mineral com 60 gramas de fósforo, 4% em relação ao concentrado com 18% de proteína bruta e 6% sobre o concentrado com 22% de proteína bruta – aponta levantamento do Cepea em parceria com a CNA.

Em outubro, o pecuarista mineiro precisou de 53,6 litros de leite para comprar uma saca de 30 kg de sal mineral com 60 g de fósforo - em setembro, eram necessários 51,4 litros (Gráfico 2). No mesmo período, a preço do insumo subiu 3% em Minas Gerais, cotado a R\$ 53,20/sc em média. Por outro lado, o início da safra leiteira e a fraca demanda por derivados pressionaram em 1,24% para baixo as cotações do leite de setembro para outubro.

Em relação ao concentrado 18%, o produtor mineiro precisou de 39,1 litros de leite para adquirir uma saca de 40 kg em outubro, 1,6 litros a mais que em setembro. Para o concentrado 22%, por sua

vez, foram necessários 43 litros de leite/sc, alta de 2,52 litros no mês (Gráfico 3). O milho segue valorizado no mercado externo, resultado das maiores exportações do grão brasileiro, impulsionadas pelo câmbio em alta. Assim, os preços

do concentrado 18% e 22% tiveram elevações de 3% e 5%, respectivamente, em Minas Gerais. O concentrado 18% foi comercializado, em média, a de R\$ 38,80/saca de 40 kg, e o de 22% a R\$ 42,64/saca de 40 kg.

Relação de Troca - Sal Mineral 60g de P (saca 30kg)

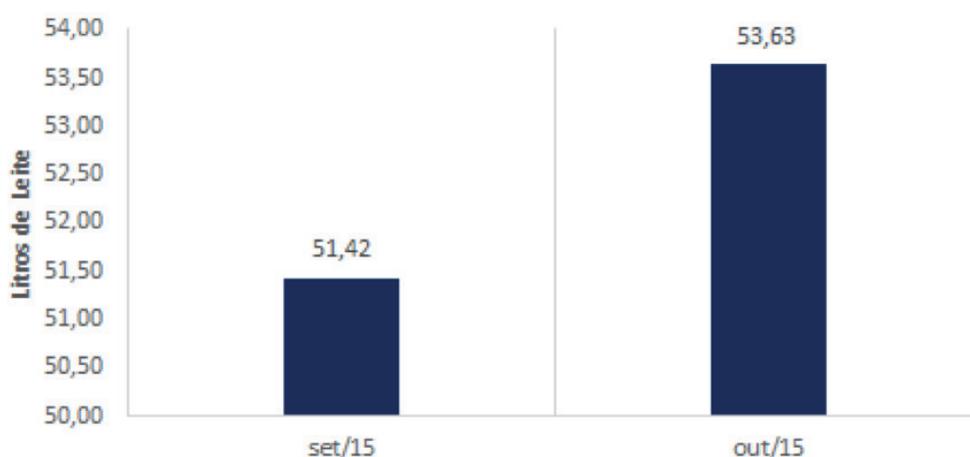


Gráfico 2. Relação de troca de sal mineral 60P em Minas Gerais | **Fonte:** Cepea/CNA

Das propriedades típicas que compõe a média estadual de Minas Gerais, todas utilizam ração como fonte de alimentos

para os animais. Em geral, o concentrado de 20% a 24% de proteína bruta é fornecido para as vacas lactantes e prenhes/

paridas durante o ano todo. Já o concentrado de 18% de proteína bruta é destinado apenas para bezerras em aleitamento ou desmamadas. Da mesma forma, todas as propriedades também fazem uso de sal mineral de 60 g a 100 g de fósforo, e uma pequena parcela utiliza sal mineral proteinado no período das secas.

A compra dos insumos para suplementação mineral responde por 4% do Custo Operacional Efetivo (COE) das propriedades de Minas Gerais, enquanto os gastos com concentrados representam 36,2%.

Relação de Troca - Concentrado (saca 40kg)

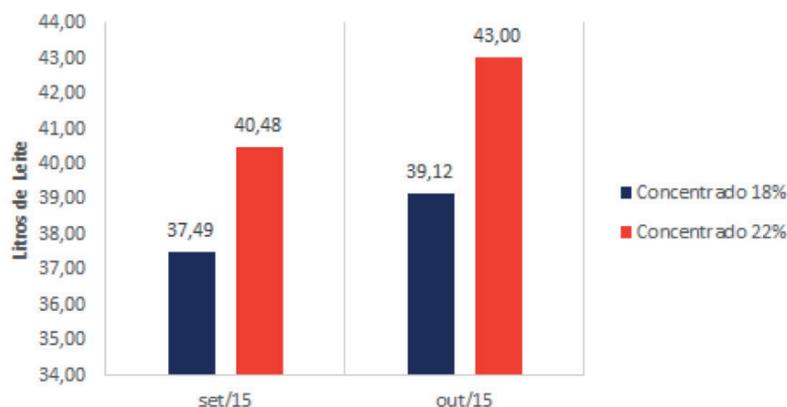


Gráfico 3. Relação de concentrado 18% e 22% em Minas Gerais | Fonte: Cepea/CNA

Exportações de lácteos para a Rússia alcançam 3,37 milhões de litros até outubro

Natália Salaro Grigol, Analista de Mercado, equipe Pecuária de Leite Cepea

O embargo imposto pela Rússia, em agosto do ano passado, aos produtos lácteos da União Europeia, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Noruega favoreceu as exportações brasileiras.

Os embarques com destino à Rússia foram iniciados em outubro de 2014. Desde então, somam mais de 3,37 milhões de litros em equivalente leite (até outubro de 2015). Em comparação com o total de lácteos exportados pelo Brasil a todos os destinos nesse período (de 354,7 milhões de litros em equivalente leite), as vendas à Rússia ainda são pouco expressivas, representando apenas 0,92%. Por outro lado, considerando-se as exportações de quei-

jos¹ e manteiga ao país russo, especificamente, as quantidades são significativas.

De outubro de 2014 a outubro de 2015, o volume embarcado para a Rússia foi de 1,69 milhão de litros (equivalente leite) de queijos, o que representou 6,76% do total exportado desse produto pelo Brasil no período. Em relação à manteiga, os 1,68 milhão de litros em equivalente leite exportados para aquele país corresponderam a 39,2% do total. A Tabela 3 apresenta as exportações de lácteos para a Rússia no último ano.

Diante da demanda aquecida em 12 meses, a expectativa de exportadores brasi-

leiros de lácteos é de que as quantidades de queijos e manteigas enviadas à Rússia continuem crescentes nos próximos meses.

EMBARGO – Em agosto de 2014, a Rússia anunciou embargo de um ano às compras de leite e produtos lácteos da União Europeia, Estados Unidos, Austrália, Canadá e Noruega. Em junho de 2015, o embargo foi estendido até agosto de 2016. Essa medida ocorre como resposta às sanções que a Rússia vem sofrendo por conta do conflito na Ucrânia. O Brasil aproveitou essa oportunidade e possui atualmente 26 empresas em condições de exportar leite e derivados para a Rússia. 🌱

Exportações brasileiras de queijos e manteiga e volume embarcados para a Rússia (em litros em equivalente leite)

| | Queijos | | | Manteiga | | |
|--------------|----------------------------|-------------------------------|--|-----------------------------|-------------------------------|--|
| | Total exportado de queijos | Quantidade destinada à Rússia | Participação das compras russas sobre o total do produto | Total exportado de manteiga | Quantidade destinada à Rússia | Participação das compras russas sobre o total do produto |
| out/14 | 2.467.736,5 | - | 0% | 744.918,9 | 432.300,0 | 58% |
| nov/14 | 2.278.922,0 | - | 0% | 1.426.512,5 | 475.530,0 | 33% |
| dez/14 | 1.994.383,5 | - | 0% | 600.060,5 | 475.530,0 | 79% |
| jan/15 | 1.313.204,5 | 96,0 | 0% | 593.701,4 | - | 0% |
| fev/15 | 746.222,5 | - | 0% | 429.267,3 | - | 0% |
| mar/15 | 1.900.472,5 | - | 0% | 139.002,6 | - | 0% |
| abr/15 | 1.638.232,0 | - | 0% | 1.734,2 | - | 0% |
| mai/15 | 2.409.602,5 | 313.808,0 | 13% | 343.289,1 | 300.300,0 | 87% |
| jun/15 | 1.392.267,5 | - | 0% | 176,6 | - | 0% |
| jul/15 | 2.173.720,0 | - | 0% | 1.904,1 | - | 0% |
| ago/15 | 2.385.525,0 | 470.712,0 | 20% | 1.994,9 | - | 0% |
| set/15 | 1.688.745,5 | 156.904,0 | 9% | 3.189,5 | - | 0% |
| out/15 | 2.666.529,0 | 751.058,0 | 28% | 4.583,7 | - | 0% |
| TOTAL | 25.055.563,0 | 1.692.578,0 | 6,76% | 4.290.335,0 | 1.683.660,0 | 39,2% |

Tabela 3 – Exportações de queijos e manteiga com destino à Rússia | Fonte: Secex/elaborado pelo Cepea

Nota: volumes em litros em equivalente leite

¹ A categoria “queijos” refere-se aos NCM 4063000 (Queijos fundidos, exceto ralados ou em pó), 4064000 (Queijos de pasta mofoada e outros queijos que apresentem veios obtidos utilizando *Penicillium roqueforti*) e 4069020 (Queijos, com um teor de umidade superior ou igual a 36,0% e inferior a 46,0%, em peso -massa semidura), conforme definidos pela Secex.

Média Ponderada para BA, GO, MG, PR, RS, SC e SP*

| Grupos | % em relação ao COE | | Variação no mês | | Variação Acumulada | |
|--|---------------------|------------------|-----------------|------------------|--------------------|--------|
| | outubro-14 | Acumulado no ano | outubro-14 | Acumulado no ano | jan-14 | out-14 |
| Concentrado | 40,90% | | 4,10% | | 3,27% | |
| Mão-de-obra contratada para manejo do rebanho | 15,96% | | 0,00% | | 9,74% | |
| Silagem (Insumos + M.O. contrat.) | 15,13% | | 0,60% | | 11,44% | |
| Gastos administrativos, impostos e taxas | 4,13% | | 0,00% | | 0,00% | |
| Medicamentos | 3,56% | | 0,78% | | 1,65% | |
| Suplementação Mineral | 3,11% | | 2,38% | | 4,51% | |
| Energia e combustível | 3,19% | | 4,21% | | 7,86% | |
| Forrageiras anuais (Insumos + M.O. contrat.) | 3,08% | | 0,18% | | 17,04% | |
| Manutenção - Benfeitorias | 2,31% | | 0,00% | | 0,00% | |
| Material de ordenha | 2,39% | | 1,45% | | 3,77% | |
| Manutenção - Máquinas, implementos, equipamentos e utilitários | 1,59% | | 0,00% | | 0,00% | |
| Assistência técnica | 1,40% | | 0,00% | | 2,62% | |
| Inseminação Artificial | 1,28% | | 0,00% | | 4,16% | |
| Manutenção - Forrageiras perenes (insumos + M.O. contrat.) | 1,06% | | 0,74% | | 9,90% | |
| Transporte do Leite | 0,92% | | 0,00% | | 0,00% | |

*A produção de leite dos 7 estados da pesquisa representa 80,35% do total produzido no Brasil (PPM-IBGE, 2012). O cálculo é baseado nos painéis de custo de leite e ponderado pela produção dos estados (IBGE), de modo que encontram-se na amostra sistemas de produção distintos em relação aos resultados técnico-econômicos, que refletem a realidade dos produtores naquele momento.

Fonte: Cepea/USP-CNA

VARIÇÃO MENSAL E ACUMULADA DOS CUSTOS DE PRODUÇÃO DE LEITE

| Estados | COE1 | | | COT2 | | | Preço bruto do Leite3 (R\$/litro) | | | Ponderações |
|-------------------|--------------|------------------|--------------------------------|--------------|------------------|--------------------------------|-----------------------------------|------------------|--------------------------------|-------------|
| | outubro-14 | Acumulado no ano | Acumulado nos últimos 12 meses | outubro-14 | Acumulado no ano | Acumulado nos últimos 12 meses | outubro-14 | Acumulado no ano | Acumulado nos últimos 12 meses | |
| Bahia | 0,49% | 106,13 | 106,66 | 0,35% | 105,37 | 105,90 | -0,20% | 94,69 | 92,20 | 4,16% |
| Goiás | 1,78% | 106,66 | 107,29 | 1,47% | 106,50 | 106,97 | -2,96% | 113,58 | 99,82 | 13,7% |
| Minas Gerais | 2,23% | 104,49 | 105,80 | 1,89% | 104,49 | 105,65 | -0,32% | 108,59 | 98,32 | 34,3% |
| Paraná | 2,32% | 106,06 | 107,30 | 2,01% | 105,94 | 107,00 | -1,21% | 107,74 | 96,85 | 15,3% |
| Rio Grande do Sul | 1,69% | 107,81 | 108,47 | 1,47% | 107,33 | 107,90 | 1,33% | 103,29 | 99,09 | 15,6% |
| Santa Catarina | 0,56% | 103,90 | 104,30 | 0,47% | 103,52 | 103,86 | -2,82% | 113,42 | 103,66 | 10,5% |
| São Paulo | 2,90% | 103,80 | 105,15 | 1,77% | 105,90 | 107,02 | -0,57% | 107,90 | 100,41 | 6,5% |
| Brasil4 | 2,02% | 105,72 | 106,78 | 1,70% | 105,59 | 106,51 | -0,91% | 108,41 | 98,86 | 100% |

1Custo Operacional Efetivo; 2Custo Operacional Total; 3Inclui frete e impostos; 4Média ponderada dos estados da BA, GO, MG, PR, RS, SC e SP.

Fonte: Cepea/USP-CNA

VARIÇÃO DOS PRINCIPAIS INDICADORES ECONÔMICOS

| | outubro-14 | Acumulado no ano | Acumulado (últimos 12 meses) |
|-------|------------|------------------|------------------------------|
| IGP-M | 1,89% | 8,36% | 10,10% |
| IPCA | 0,82% | 8,53% | 9,93% |

Fonte: FGV; IBGE; Elaborado pelo Cepea

Boletim Ativos do Leite é elaborado pela Superintendência Técnica da CNA e Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - Cepea/Esalq - da Universidade de São Paulo.

Reprodução permitida desde que citada a fonte



CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL

SGAN - Quadra 601 - Módulo K CEP: 70.830-021
Brasília/DF
(61) 2109-1419 | cna.comunicacao@cna.org.br